

Última Hora em Curitiba: um Jornal na Contramão da Província¹

Paula Bulka DURÃES²
Pietra Dissenha HARA³
Murilo Lemos BERNARDON⁴
Nayara Tays de ALMEIDA⁵
Francisco Camolezi MELO⁶
Alana Morzelli SIQUEIRA⁷
Ana Livia BARBOZA⁸
Alice dos Passos LIMA⁹
Ana Clara OSINSKI¹⁰
Francielle Alves Ferreira LACERDA¹¹
José Carlos FERNANDES¹²
Universidade Federal Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

Durante cinco anos, uma edição local do jornal *Última Hora* alterou as rotinas da imprensa curitibana, ao explorar estratégias inovadoras de reportagem, de produção gráfica e editorial e de circulação. A experiência acaba em março de 1964, com o apedrejamento do periódico e a consequente perseguição a seus jornalistas pela ditadura nascente. Pesquisa reconstrói o episódio da pilhagem do *UH* a partir de uma metodologia híbrida, em “desalinho” (Barbosa, 2020), mesclando entrevistas com remanescentes do *UH* e análise de conteúdo de reportagens que circularam na capital paranaense entre 1959 e 1964, em meio a tensões que trouxeram o golpe militar.

PALAVRAS-CHAVE: Jornal *Última Hora*; Ditadura civil-militar de 1964; História do jornalismo paranaense.

INTRODUÇÃO

¹Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

²Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná, email, paulabulka@ufpr.br

³Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná, email, pietradh@gmail.com

⁴Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná, email, murilo.bernardon@hotmail.com

⁵Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná, email, almeidanavara592@gmail.com

⁶Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná, email, camolezimelo@gmail.com

⁷Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná, email, alanamorzelli377@gmail.com

⁸Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná, email, anabarboza@ufpr.br

⁹Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná, email, alicelima@ufpr.br

¹⁰Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná, email, anaclaraosinski@gmail.com

¹¹Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná, email, francielle.afl@gmail.com

¹² Doutor em Estudos Literários, professor do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná, orientador do trabalho: email zeca@ufpr.br

O *Última Hora* foi um jornal de circulação nacional, fundado em 1951, que teve uma sucursal em Curitiba entre 1959 e 1964. O periódico, fundado por Samuel Wainer, foi um marco para a imprensa no Brasil, devido aos avanços gráficos e editoriais que implementou, como o uso de colunas para suprir temas difíceis de abordar com reportagens, a cobertura internacional veloz, a foto dinâmica, a diagramação, a charge, entre outros (Campos, 1993) – algumas técnicas, como o uso do *lead*, haviam sido trazidas da imprensa americana para a mídia impressa brasileira, mas o *UH* cumpriu o papel de implementá-las em um periódico de grande abrangência e que tinha um *padrão nacional* (Campos, 1993).

O *UH* adotou uma posição editorial nacionalista e trabalhista (Pereira, 2016; Hohlfeldt, Buckup, 2002), porém, não era totalmente alinhado ao governo Vargas, do qual era apadrinhado. Essa relação venal se somava a um texto de qualidade e a uma linguagem popular, o que fez com que o jornal dialogasse tanto com a elite quanto com a classe trabalhadora (Campos, 1993). Junto ao proletariado, segundo Monteiro (2020), o jornal criou um canal direto de comunicação. Tal postura, dentro do mercado da mídia tradicional brasileira, situava-o à esquerda, o que provocou ataques e resistência de determinados grupos ao *UH*, como a emblemática disputa travada entre Wainer e Carlos Lacerda, o que rendeu, inclusive, uma ruidosa Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) (Monteiro, 2020).

Em Curitiba, a tensão política levou ao apedrejamento da redação do jornal, no centro da cidade. Em março de 1964, duas semanas antes do golpe militar, um grupo de cerca de 200 secundaristas de uma instituição de ensino particular e católica destruiu a sucursal paranaense. O fechamento da sucursal e os processos contra parte expressiva dos jornalistas que lá atuavam se deu logo após a instalação do governo ditatorial.

O grupo de pesquisa “Jornalismo e Ditadura Militar no Paraná”, que tem sua origem em 2012, no Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), usa a metodologia da história oral, entrevistas em profundidade e análise de conteúdo para documentar episódios que envolvam jornais, jornalistas e ditadura no estado. Em 2022-2023, um projeto de iniciação científica, vinculado ao grupo, se ocupa de investigar com entrevistas a edição, circulação, recepção, fechamento violento e pilhagem do *Última Hora* de Curitiba.

Foram entrevistados os jornalistas Luiz Geraldo Mazza, Adherbal Fortes de Sá Júnior, Walter Schmidt, Hélio de Freitas Puglielli, Luiz Renato Ribas, Miecislau Surek e Sylvio Back. Essa parte do estudo deve ser completado com novas rodadas de entrevista, com os jornalistas, Nelson Padrella, Roberto Muggiati, José Kalkbrenner Sobrinho, Francisco Camargo e Oscar Volpini – identificados entre os remanescentes, tendo atuado no *UH* local ou observado o período de perto, estando em outros veículos de imprensa da época.

Os primeiros resultados indicam que o *UH* local tinha uma circulação expressiva de 40 mil exemplares diários, superior à dos concorrentes, como os jornais *Gazeta do Povo*, *Diário do Paraná*, *O Estado do Paraná* e *O Dia*. De acordo com as fontes consultadas, à revelia do conservadorismo e provincianismo da classe leitora de jornais, na capital paranaense, no período estudado (1959-1964), a cobertura esportiva e policial do *UH* edição Curitiba superava as flagrantes reticências do público leitor à linha política do jornal de Samuel Wainer (Sá Júnior; Surek, 2023; Puglielli, 2024), ao ponto de o jornal ter se estabelecido como a maior tiragem da região.

REVISÃO DE LITERATURA

Além da considerável bibliografia sobre o *Última Hora*, são fontes para a pesquisa as obras que contribuem para compreender a relação entre a imprensa do Paraná e a ditadura militar de 1964. Nesse sentido, os títulos de referência são *Resistência democrática – a repressão no Paraná* (1988) e *Memórias de 1964 no Paraná* (2000), ambos do jornalista e ex-presos político Milton Ivan Heller, sendo o último em parceria com Maria de Los Angeles G. Duarte.

As obras informam sobre o momento pesquisado, mas deixam lacunas que pedem um esforço de pesquisa em meio a um deserto de informações sobre os bastidores da imprensa em um estado fora do eixo Rio-São Paulo, tradicionalmente mais documentado.

Colaboram para preencher esses vazios da história da imprensa paranaense, e para ampliar o rol de questões estudadas, trabalhos tais como: *O que é isso companheiro?* (2009), de Fernando Gabeira; *Minha razão de viver* (2005), de Samuel Wainer; *Samuel Wainer: o homem que estava lá* (2020), de Karla Monteiro; *A Rotativa Parou: os últimos dias da última hora de Samuel Wainer* (2009), de Benício Medeiros;

Curitiba no Tempo do Jazz Band (2017), de Adherbal Fortes de Sá; *Nos tempos de Wainer: a última hora de Samuel* (1993), organizado por Anderson Campos. Por fim, o longa-metragem *O dia que durou 21 anos* (2012), dirigido por Camilo Tavares.

METODOLOGIA

Dada a porosidade do tema – apenas sobre o apedrejamento foram registradas seis versões diferentes (Fernandes, 2014) – optou-se pelo uso de metodologias complementares para estudar a pilhagem do *UH* Curitiba e a relação desse episódio com a postura da imprensa paranaense frente à ditadura. A metodologia do “desalinho”, nos dizeres da pesquisadora Marialva Barbosa (2020), permite e se nutre dessa possibilidade múltipla e plástica, aqui praticada.

Nas entrevistas semiestruturadas, grosso modo, segue-se um formulário fixo de perguntas. São abordadas questões como a relação particular do profissional com o jornal de Wainer; a importância do *UH* do periódico; a Curitiba e a imprensa do período e fatos em que biografia de repórter e *UH* se atravessam.

Paralelo às entrevistas e depoimentos, o grupo passou pela etapa da “leitura flutuante” (Bardin, 2016) - tendo como objeto os jornais do período, disponíveis na hemeroteca da Biblioteca Nacional. Os resultados que se seguem são da fase atual, na qual se busca destacar categorias de análise de conteúdo, a partir de um roteiro semi-estruturado. As anotações que se seguem, com caráter de amostragem, foram feitas a partir da leitura página a página do *UH* local, são registradas em um formulário com tópicos pré-definidos pelo grupo: 1) Relação entre manchetes de capa e a história consolidada do Brasil e do Paraná. 2) Características gerais das coberturas. 3) Características editoriais; 4) Características gráficas.

Junto com a busca de categorias de análise, um dos objetivos é documentar a construção historiográfica do *UH* curitibano ao longo de cinco anos de circulação; e traçar comparativos entre as fontes bibliográficas e entrevistas em profundidade com repórteres do *UH* ou jornalistas contemporâneos à época. Para este resumo, optou-se por selecionar matérias - a título de exemplo da imersão dos pesquisadores nos jornais - que sintetizem o padrão editorial do *Última Hora*, seus conflitos, contradições, bem como as características editoriais da cobertura.

ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE

Advogado de formação, Adherbal Fortes de Sá Júnior atuou no *Última Hora* em dois momentos distintos: em 1960, com retorno a partir de 1962. Também colecionou passagens pelos principais periódicos da época, como o *Diário do Paraná*, *Estado do Paraná* e a revista *Panorama*. Após o fechamento do *UH*, o jornalista sofreu as consequências da perseguição política: foi proibido de atuar no serviço público, enquadrado pelo Ato Institucional n.º 2. Anterior à ditadura, fez parte do sindicato que protagonizou a greve dos jornalistas no Paraná, em 1963, como segundo secretário. O *UH* teria, inclusive, incentivado a greve, com o fechamento de portas da redação durante todo o período revolucionário.

Quanto à ideologia do jornal, Sá Júnior (2022) o qualifica como “um jornal de esquerda em um mundo onde todos os jornais estavam mais ao centro ou até bem à direita”. O jornal teria chegado a abrigar a sede da Associação dos Professores do Paraná (APP-Sindicato), o que confirmaria uma postura sindicalista. Em maio de 1964, o posicionamento editorial do *UH*, em frente da tensão política que fervilhava com a organização do golpe militar, iria culminar em uma represália organizada pelo irmão Luiz Albano, marista, ligado à instalação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR).

Cerca de 200 a 300 estudantes secundaristas do Colégio Santa Maria teriam marchado o centro em direção ao Edifício Asa, na Praça General Osório, onde ficava localizada a redação do jornal, e atirado pedras (Sá Júnior, 2022). Além de confirmar o episódio, o entrevistado ainda adiciona a participação de estudantes de outros colégios, como o “Bom Jesus”, no apedrejamento. Os manifestantes também teriam mantido o canto de guerra: “comunistas do *Última Hora*”. O fechamento do *UH*, alguns meses após o ocorrido, levou Adherbal e outros jornalistas a serem interrogados, mas sem serem torturados: “Dá para falar, que o Castelo [Branco] foi o menos autocrático dos ditadores. Então, de maneira geral, ninguém do *Última Hora* sofreu violência, mas todos tiveram problemas, logicamente” (Sá Júnior, 2022).

Quanto à contradição do acolhimento de Curitiba e depois potencial represália, Júnior qualifica o *UH* como um jornal que passava “em branco” devido à qualidade da cobertura, sobretudo das colunas sociais e editoriais esportiva, com foco no campeonato de várzea (suburbana) e policial. As colunas, inclusive, aproximavam o periódico do

leitor, com o retrato do curitibano médio. Um jornal que não teria “vendido” aos órgãos públicos, como a prefeitura, e que mantinha um jornalismo focado na história, semelhante à revista *The New Yorker*.

Adherbal confirmou a circulação de 40 mil exemplares diários, uma tiragem invejável para os concorrentes da época, sobretudo a *Tribuna do Paraná* e a *Gazeta do Povo*. O público era potencialmente a classe média letrada. A lógica da distribuição também foi um ponto de destaque. Sá Júnior (2022) a descreveu como organizada, o que teria possibilitado o aumento da circulação na capital paranaense, distribuída diretamente nas bancas de jornais e comércios locais. “Às seis horas da tarde, o Paraná inteiro tinha a *Última Hora*” (Sá Júnior, 2022).

O jornalista Walter Schmidt é contemporâneo ao *Última Hora*, com uma carreira construída nos movimentos sociais, e passagens pela *Gazeta do Povo* e jornal *Panorama*. É também bastante interessado no *UH*, coleciona fragmentos de história da imprensa paranaense para fins biográficos. Schmidt (2023) descreve o periódico como “um jornal revolucionário, um marco na imprensa brasileira”. Pelo respeito aos jornalistas, pela modernidade gráfica, pela ousadia, pelo fato de dar voz à população, às pessoas”. Também reforçou a postura sindicalista. A novidade ficou por conta da diagramação que valorizava a cobertura nacional, em detrimento da internacional. O jornalista também contradiz o que afirmou Adherbal Fortes de Sá Júnior sobre o *UH* ser um jornal que “não se vende”.

Schmidt (2023) afirmou que o governador do Paraná na época, Ney Braga, teria pago ao periódico para ganhar uma cobertura positiva. Também confirmou a estratégia de venda e o sistema ágil de distribuição nas próprias bancas de jornal. Outra adição, é a informação que a *UH* pagaria mais aos jornalistas do que outros periódicos da época, além de confirmar que teriam apoiado a greve de 1963.

Quanto à ideologia do *Última Hora*, Schmidt (2023) o qualifica como um jornal “populista, mas que tinha a pecha de ser jornal comunista, porque tinha a coluna sindical, que apoiava as causas populares e criticava muito a prefeitura”. O comunismo era relacionado ao *UH* pelo apoio político a João Goulart e Getúlio Vargas. Segundo o entrevistado, boa parte da equipe era filiada ao Partido Comunista. O periódico teria puxado também o leitor curitibano mais politizado, com uma boa cobertura política e espaço para furos jornalísticos. Quanto ao apedrejamento, Schmidt (2023) não

presenciou o episódio, mas acredita que ele ocorreu, pelos noticiários e movimentação que lembra ter visto naquele dia.

O jornalista Luiz Geraldo Mazza colaborou com o *Última Hora* em dois períodos: primeiramente no ano de 1959 e, voltando posteriormente, deixou a sucursal curitibana no ano de 1963, antes do incidente do apedrejamento que levaria ao fim do jornal. Mazza chegou a atuar como chefe de redação e escreveu uma coluna sobre assuntos de interesse popular. Para ele, inclusive, essa interação com o público é o que fazia o periódico ser tão popular, além de seu apelo estético, já que era um jornal atraente visualmente falando (Mazza, 2023).

Quanto aos ideais políticos do jornal, muitas vezes destacado pelos entrevistados, Mazza afirma que havia um clima ideológico de esquerda, já que o jornal buscava trazer o drama das minorias e apreciava tecer críticas aos assuntos que envolviam a burguesia da cidade, mas que haviam poucos comunistas no jornal, grande parte era composta por o que o jornalista denominou como livres atiradores.

Sobre a questão do apedrejamento, Mazza declara que “já era uma coisa esperada, nós éramos ameaçados fisicamente e por mensagem e isso ia acontecer.” (Mazza, 2023). Conta que o movimento era muito bem organizado Além disso, chega a mencionar que os manifestantes arremessaram fezes de cavalo, além de pedras, contra a sede do jornal.

Mieczslau Surek (2023) – que trabalhou na *Última Hora* em Curitiba entre junho de 1963 e maio de 1964 e esteve presente no dia do apedrejamento na sede da sucursal curitibana –, junto com o também jornalista e publicitário, Luiz Renato Ribas (2023) – contemporâneo ao período de circulação do jornal –, afirmam que o *UH* foi um pioneiro em inovação. Alguns fatores levantados foram a alta circulação em comparação aos concorrentes, ao ter duas ou três vezes as edições nas bancas no mesmo dia, algo inédito até então, e a diagramação, que foi uma técnica pioneira no período.

Os entrevistados, diferente dos demais já ouvidos, consideram que a parte esportiva era pequena, principalmente em comparação com o forte enfoque policial abordado. Durante o depoimento, ambos concordaram que o jornal era fortemente financiado pelo então ex-presidente Getúlio Vargas e possuía ideais alinhados ao getulismo. Mas, pelo senso popular, o *Última Hora* teria seguido a ideologia comunista. “Era odiado pelas facções que não gostavam dos ‘comunus’. Porque o Ronaldo era

comunista. Curitiba sempre foi conservadora. Diante das migrações que existem, o espírito europeu é mais conservador, evidente (Surek, 2024).

Outra inovação, citada por Surek, era o aspecto financeiro do jornal. O *Última Hora* teria pago salários 30% superiores à média de mercado, algo incomum. O assunto culminou na greve em outros jornais que reivindicavam maiores pagamentos em 1963. O jornalista também cita a venda de pautas para rádios locais, como a rádio paranaense Ouro Verde (Surek, 2023), o que demonstra aceitação aos assuntos tratados no veículo. A respeito da ditadura, Surek comenta que foi fichado pelo Dops (Departamento de Ordem Política e Social) pelo seu trabalho na sucursal e Ribas cita o caso de seu colega de profissão Emílio Dutra, que foi torturado durante o regime militar.

A respeito do apedrejamento da sede do *UH* em Curitiba, Surek afirma estar no dia do ocorrido, quando estudantes da rede Marista apedrejaram da sede do jornal enquanto os jornalistas trabalhavam em seu interior.

Então, eu levei pedrada. Pelo vidro no edifício Asa. Era na sobreloja, a gente tinha o mezanino. Tinha um negócio todo. Tava lá o mezanino e eu recebia pedrada no rosto. Radicalismo dos caras, os padres que jogavam os alunos ali... Os maristas, para poder atacar os comunistas lá. (Surek, 2023).

Jornalista e professor aposentado da Universidade Federal do Paraná, Hélio de Freitas Puglielli dá início à sua entrevista falando sobre sua relação de trabalho com o *UH* Curitiba. Era *freelancer*, ou seja, não pautava, era pautado. Uma das primeiras matérias que recebeu no jornal tratava da proibição do romance *Doutor Jivago*, de Boris Pasternak, na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Hélio fez uma espécie de “fala povo”, perguntando para a população da cidade sobre a censura, e a maioria, de acordo com o jornalista, se manifestava contrária. Quando perguntado sobre a Curitiba dos anos 1960, Hélio diz que era menor e mais “calorosa”. Era comum encontrar conhecidos enquanto passeavam pela rua XV que, na época, ainda não era exclusiva para pedestres. A cidade, no entanto, era bastante conservadora, com uma forte presença integralista, mesmo em setores da imprensa, em especial no *Diário do Paraná*. Havia, também, os nacionalistas, que seriam representantes da esquerda.

O único momento em que o Hélio se refere ao *UH* como “comunista” foi quando o jornalista parafraseou as pessoas que apedrejaram o jornal. E ainda complementa com um “entre aspas”, como quem diz que de comunista o jornal não tinha nada. Há uma relação aqui: para Hélio, o *UH* é nacionalista, mas, para as massas conservadoras da

época — desde Lacerda, da *Tribuna da Imprensa*, até o irmão Albano, do Grupo Marista, que teria coordenado o movimento do empastelamento —, era comunista, e por isso foi apedrejado. Quanto às ditas inovações editoriais do jornal, Hélio cita uma história interessante, o “segundo clichê”, que era uma reedição do jornal com novas notícias para cobrir o tempo de desvantagem que o *UH* levava em relação aos outros jornais da cidade para ser impresso em São Paulo.

Sobre inovações gráficas, Hélio atribui o surgimento da diagramação na imprensa paranaense ao Diário do Paraná. De acordo com Hélio,

Na imprensa paranaense, por exemplo, diagramação era algo desconhecido. Os próprios tipógrafos é que montavam a página. Não havia uma diagramação prévia. Então, o Diário do Paraná foi pioneiro. Ele trouxe diagramadores argentinos. Trabalhavam com a prensa lá em Buenos Aires. Foram eles que introduziram a diagramação no Paraná. (Puglielli, 2024).

O cineasta, escritor, roteirista e jornalista Sylvio Back atuou na *Última Hora* curitibana entre os anos de 1963 e 1964, até o golpe civil-militar que também ocasionou o fechamento da sucursal da capital paranaense, escrevendo na coluna de variedades “Por trás da Cortina”, que mesclava entre suas publicações textos com temas desde cinema até política e acontecimentos locais.

Back afirma que a vinda do jornal à Curitiba trouxe inovações para uma imprensa local já estruturada e cheia de jornais oligárquicos e conservadores.

A *Última Hora* foi, digamos assim, um brilho dentro do jornalismo paranaense. Ela trouxe, na época que nos anos 1960 e pouco até o golpe do Estado de 64 é havia um havia um jornalismo pujante em Curitiba (...) uma inserção inédita na na imprensa paranaense. (Back, 2024).

O jornalista disse que o público curitibano considerava a *Última Hora* um periódico de esquerda com uma redação comunista, pois recebia ligações frequentemente acusando essa característica em seus textos e em todo o jornal, por mais que nunca se relacionou diretamente ao comunismo (Back, 2024). O cineasta e jornalista também relaciona o atentado que quebrou as janelas da redação no Edifício Asa aos ataques e alegações dos curitibanos que conectavam o jornal a um centro de concentração de “esquerdistas” em Curitiba.

Sylvio Back apenas relacionou o fim do jornal com o início da ditadura, mas não discorreu sobre o assunto.

A CURITIBA DOS ANOS 1960, IMPRENSA E DITADURA

Durante as entrevistas, a fim de reconstituir as relações entre Curitiba, imprensa e ditadura, pedimos aos jornalistas que descrevessem a cidade. Para Hélio Puglielli, a cidade era, evidentemente, menor. Há, em Curitiba, a Rua XV de Novembro, que corta o centro da cidade pela Praça Osório, onde se localizava a redação do *Última Hora*, até a Praça Santos Andrade, onde fica o Prédio Histórico da Universidade Federal do Paraná (UFPR). A rua, que sempre funcionou como um centro comercial, hoje é exclusiva para pedestres, mas, nos anos 1960, não. Mesmo assim, de acordo com Hélio, era comum encontrar conhecidos pelas suas calçadas. O clima era de “calor humano”, mas Curitiba já era, na época, bastante conservadora, o que também é levantado por outros entrevistados, como Luiz Renato Ribas (2024). Para Adherbal Fortes de Sá (2022), a princípio, o jornal foi acolhido pela cidade dita conservadora por conta da qualidade da cobertura jornalística, sobretudo esportivas, editoriais e colunas sociais, que “aproximavam o periódico do leitor curitibano”.

Havia uma marcante presença integralista na imprensa — em especial no *Diário do Paraná* — com forte influência política (Puglielli, 2024). Aqui, Hélio cita Carlos Danilo Costa Côrtes, jornalista integralista que teria pressionado o reitor da época, Flávio Suplicy de Lacerda, a criar o curso de Comunicação Social na UFPR. Do outro lado, os nacionalistas, representantes da esquerda. Hélio não entra em detalhes quanto à representação desse último grupo.

A impressão é de que o apedrejamento da redação do *Última Hora* diz bastante sobre a capacidade de mobilização das massas conservadoras em Curitiba. Para o jornalista Luiz Geraldo Mazza, o empastelamento já era esperado. “Nós éramos ameaçados fisicamente e por mensagem, e isso ia acontecer” (Mazza, 2023). Sylvio Back também relaciona o atentado aos ataques por parte da população que comparava o jornal a um antro de “esquerdistas em Curitiba” (Back, 2024). De acordo com Adherbal Fortes (2022), participaram da manifestação cerca de 200 a 300 estudantes secundaristas do Colégio Marista Santa Maria, que teriam marchado às margens da Praça General Osório, em direção ao Edifício Asa, onde ficava localizada a redação do jornal, e atirado pedras. O depoimento de Miecislau Surek dá apoio ao relato de Adherbal:

Então, eu levei pedrada. Pelo vidro no edifício Asa. Era na sobreloja, a gente tinha o mezanino. Tinha um negócio todo. Tava lá o mezanino e eu recebia pedrada no

rosto. Radicalismo dos caras, os padres que jogavam os alunos ali... Os maristas, para poder atacar os comunistas lá (Surek, 2024).

Durante a ditadura militar, muitos jornalistas relataram uma associação entre o trabalho no *UH* e a perseguição política. Adherbal (2022) diz que, porque Castelo Branco foi o “menos autocrático dos ditadores, ninguém do *Última Hora* sofreu violência, mas todos tiveram problemas”. O próprio foi proibido de atuar no serviço público, enquadrado pelo Ato Institucional n.º 2, que punia sujeitos considerados “inimigos da ordem, subversivos e comunistas” (Torres, 2019). Surek (2024) comenta que, por conta do seu trabalho na sucursal, acabou fichado pelo Dops (Departamento de Ordem Política e Social). Ribas, por sua vez, cita o caso de Walmor Weiss, autor da coluna militar do *UH* Curitiba que, mesmo sem assiná-la, foi preso e torturado.

AVANÇOS GRÁFICOS E EDITORIAIS

O *UH* foi um marco para a profissionalização dos trabalhadores de imprensa no Brasil. O jornal conseguiu usar vários elementos e recursos gráficos que já haviam quase desaparecido na grande mídia impressa brasileira ou que ainda não apareciam tanto. Técnicas conhecidas, como o folhetim e a charge, mas que tinham ficado para trás, foram recuperadas e modificadas para se adequar àquele país em modernização rápida. Mesmo com uma variedade de técnicas diferentes, que vinham dos jornais americanos, revistas brasileiras antigas, entre outras, o *UH* conseguiu ser um produto coeso, que colocava em evidência as contradições da sociedade (Campos, 1993).

O folhetim volta à imprensa com o colunismo – usado para suprir vários temas e coberturas com menos páginas. Na década de 1960, diversos colunistas do *UH* ficaram famosos, como Nelson Rodrigues e Sérgio Porto, mais conhecido por Stanislaw Ponte Preta. A cobertura internacional também muda: o *UH* passa a usar correspondentes itinerantes, que passavam de país em país buscando pautas e agências de notícias internacionais (Campos, 1993). A fotografia assume um papel de maior destaque no *UH* – ocupando cada vez mais espaço nas páginas, a foto se iguala ao texto em relevância informativa (Campos, 1993).

As inovações gráficas trazidas por Andrés Guevara, argentino contratado para coordenar o projeto gráfico do *UH*, tornaram o jornal em um produto único, com uma cara muito diferente dos outros materiais impressos vendidos no Brasil (Campos, 1993).

A diagramação substituiu a paginação tradicional e trouxe vantagens econômicas na impressão; a valorização da charge, que havia perdido força na imprensa brasileira; o uso de quadrinhos, possibilitando o crescimento do mercado de desenhistas no Brasil. Esses e outros avanços ecoaram pela imprensa nacional e influenciaram indiretamente outras inovações, como o uso da cor, os clichês marcantes e a formação de um padrão nacional (Campos, 1993).

Dentro da redação, o UH se mostrou preocupado pela qualidade dos textos e sobretudo dos jornalistas (Campos, 1993). Samuel Wainer tinha o costume de remanejar repórteres e editores para outras editorias, com o objetivo de “exercitar” a habilidade jornalística (Campos, 1993). Destacam-se, em Curitiba, as editorias policial e esportiva, que, segundo as fontes entrevistadas, conseguiram vender o jornal para o público majoritariamente conservador da cidade.

POSIÇÃO EDITORIAL

O UH abrangeu as classes populares e as classes altas – conseguiu abraçar temas populares ao mesmo tempo em que trazia pautas complexas, sem cair em eruditismo ou num sensacionalismo completo (Campos, 1993). O UH surge a partir da necessidade de modernização da imprensa nacional e com uma aliança política entre Estado e jornal, sob o governo de Getúlio Vargas (Hohlfeldt; Buckup, 2002). Segundo Hohlfeldt e Buckup (2002), o UH possuía um “discurso populista marcado pelo nacionalismo” (Hohlfeldt; Buckup, 2002, p. 168), no qual apareciam o apoio aos governos getulistas em formato de notícias, artigos de fundo e editoriais.

Pode-se, assim, afirmar que, genericamente, *Última Hora* foi uma publicação populista na medida em que deu voz ao segmento popular, chamou-o muitas vezes à participação política – mobilizando-o, por exemplo, pelos valores do salário mínimo, na defesa da Legalidade, no apoio a Cuba, na resistência ao aumento das passagens do transporte coletivo, contra a inflação, etc. -, reconhecendo e transformando as camadas populares em sujeitos da política e da história. (Hohlfeldt; Buckup, 2002, p. 169).

Para os autores, o UH buscou seus objetivos tentando se diferenciar dos outros jornais vendidos no Brasil – tanto na edição nacional quanto na edição gaúcha, examinada por Hohlfeldt e Buckup – e tentou construir o apoio popular e o apoio de classes dominantes (Hohlfeldt; Buckup, 2002). Combinam-se aos avanços editoriais e gráficos essa estratégia de construção de público do UH.

Por consequência, nesta mesma perspectiva, *Última Hora* foi um jornal nacionalista, porque defendeu os projetos de industrialização nacional, autônoma e independente - ao menos no discurso -, ainda que sob um enfoque capitalista que se articulava com o capitalismo internacional, desde que o mesmo não desestabilizasse ou confrontasse com o desenvolvimento interno nacional (...). (Hohlfeldt; Buckup, 2002, p. 169).

A linguagem do jornal expressava “a crise do convívio entre o tradicional e o novo” (Hohlfeldt; Buckup, 2002, p. 169) e, com as técnicas novas aplicadas, destacavam-se acontecimentos importantes nacionalmente mas também regionalmente, a partir da lente do projeto político em desenvolvimento (Hohlfeldt; Buckup, 2002). Na construção do público leitor do jornal, isso permitiu incorporar “todos aqueles segmentos populares que, recém-urbanizados e alfabetizados, almejavam encontrar-se (espelhar-se) em uma publicação em que fossem, simultaneamente, objeto e sujeito dos acontecimentos” (Hohlfeldt; Buckup, 2002, p. 170).

CONSIDERAÇÕES

Pesquisar o *Última Hora* - edição Curitiba exige adotar métodos não lineares de investigação. São muitos e tortuosos os mapas desenhados neste objeto. Às vésperas do golpe militar de 1964, o jornal é apedrejado por estudantes católicos, o que leva a uma sucessão de fatos que feriam o estado de direito: os jornalistas foram impedidos de trabalhar e a redação encerrada. Terminava ali um espaço editorial cujo produto era identificado como esquerdizante – ainda que, talvez, apenas nacionalista –, mas que tinha mostrado à imprensa local uma maneira tanto popular quanto erudita de fazer jornal. Despertou paixões e rancores, como atesta o seu desfecho. Ouvir as testemunhas dessa história é urgente, tão urgente quanto reler o *Última Hora* e entender o que em seus editoriais causou a fúria de jovens e de seus prováveis incentivadores. Até o momento, os elogios de quem viu o *UH* circular destacou as qualidades editoriais do jornal. E nas primeiras amostragens de reportagens publicadas, emerge um *UH* dividido entre ser província e ser metrópole. É provável ter sido também esse o drama dos que o destruíram.

REFERÊNCIAS

BACK, Sylvio. **Entrevista ao grupo de IC jornal Última Hora**, Curitiba, 2024.

BARBOSA, Marialva. **Comunicação e método: cenários e práticas de pesquisa**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRASIL. Lei n. 2.848, 7 de dezembro de 1940. Código Civil.
- CAMPOS, Anderson. **A Última Hora de Samuel**: nos tempos de Wainer. Rio de Janeiro: ABI/Copim, 1993.
- DIÁRIO DO PARANÁ. Blocos salvaram carnaval de rua pois curitibano prefere salões. Curitiba, 11 fev. de 1964, p. 10. Acervo Biblioteca Nacional.
- EMILIO, João. HOLANDA, Jorge. Carnaval-64. **Panorama**. Curitiba, março 1964, p. 18.
- FERNANDES, José Carlos. Pedras no *Última Hora*, que pecado. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 24 abr. 2014. Opinião, p. 3.
<Disponível:
<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/jose-carlos-fernandes/pedras-no-ultima-hora-que-pecado-8oqwsrivwe8yp12evgkis500e/>>. Acessado: 04/05/2014.
- GABEIRA, Fernando. **O que é isso, companheiro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- HELLER, Milton Ivan. **Memórias de 1964 no Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2000).
- HELLER, Milton Ivan. **Resistência democrática** – a repressão no Paraná. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra; Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1988.
- HOHLFELDT, Antonio. BUCKUP, Carolina. **Última Hora**: populismo nacionalista nas páginas de um jornal. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LUTA DEMOCRÁTICA. Polícia acabou com Baile Dos Enxutos!. Rio de Janeiro, 10 de jan. de 1967, p. 1. Acervo Biblioteca Nacional.
- MEDEIROS, Benício. **A rotativa parou!** Os últimos dias da *Última Hora* de Samuel Wainer. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- MONTEIRO, Karla. **Samuel Wainer**: o homem que estava lá. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- PEREIRA, Fernando Marcelino. O jornal *Última Hora* em Curitiba (1959 e 1964). **Revista NEP** - Núcleo de Estudos Paranaenses da UFPR, v. 2, n. 5, p. 180-185, 2016.
- PUGLIELLI, Hélio. **Entrevista ao grupo de IC jornal Última Hora**, Curitiba, 2024.
- RIBAS, Luiz Renato. **Entrevista ao grupo de IC jornal Última Hora**, Curitiba, 2023.
- SÁ JÚNIOR, Adherbal Fortes de. **Curitiba no tempo do jazz band**. 1.^a ed. Curitiba: Artes & Textos, 2017.
- SÁ JÚNIOR, Adherbal Fortes de. **Entrevista ao grupo de IC jornal Última Hora**, Curitiba, 2022.

SCHMIDT, Walter. **Entrevista ao grupo de IC jornal *Última Hora***, Curitiba, 2023.

SILVEIRA, Paulo. “Exército não faz política: reflete anseios populares”. **Última Hora**. Curitiba, 14 ago. 1959, p. 7. Acervo UH da Biblioteca Nacional.

SUREK, Miecislau. **Entrevista ao grupo de IC jornal *Última Hora***, Curitiba, 2023.

TAVARES, Camilo. **O dia que durou 21 anos**. Documentário, Pequi filmes, 2012.

TORRES, Mateus Gamba. **O Ato Institucional nº 2: lutas judiciais, imprensa e divergências na ditadura civil-militar (1964-1965)**. *História: Debates e Tendências*, v. 19, n. 3, p. 457-476, 2019.

WAINER, Samuel. **Minha razão de viver: memórias de um repórter**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.